

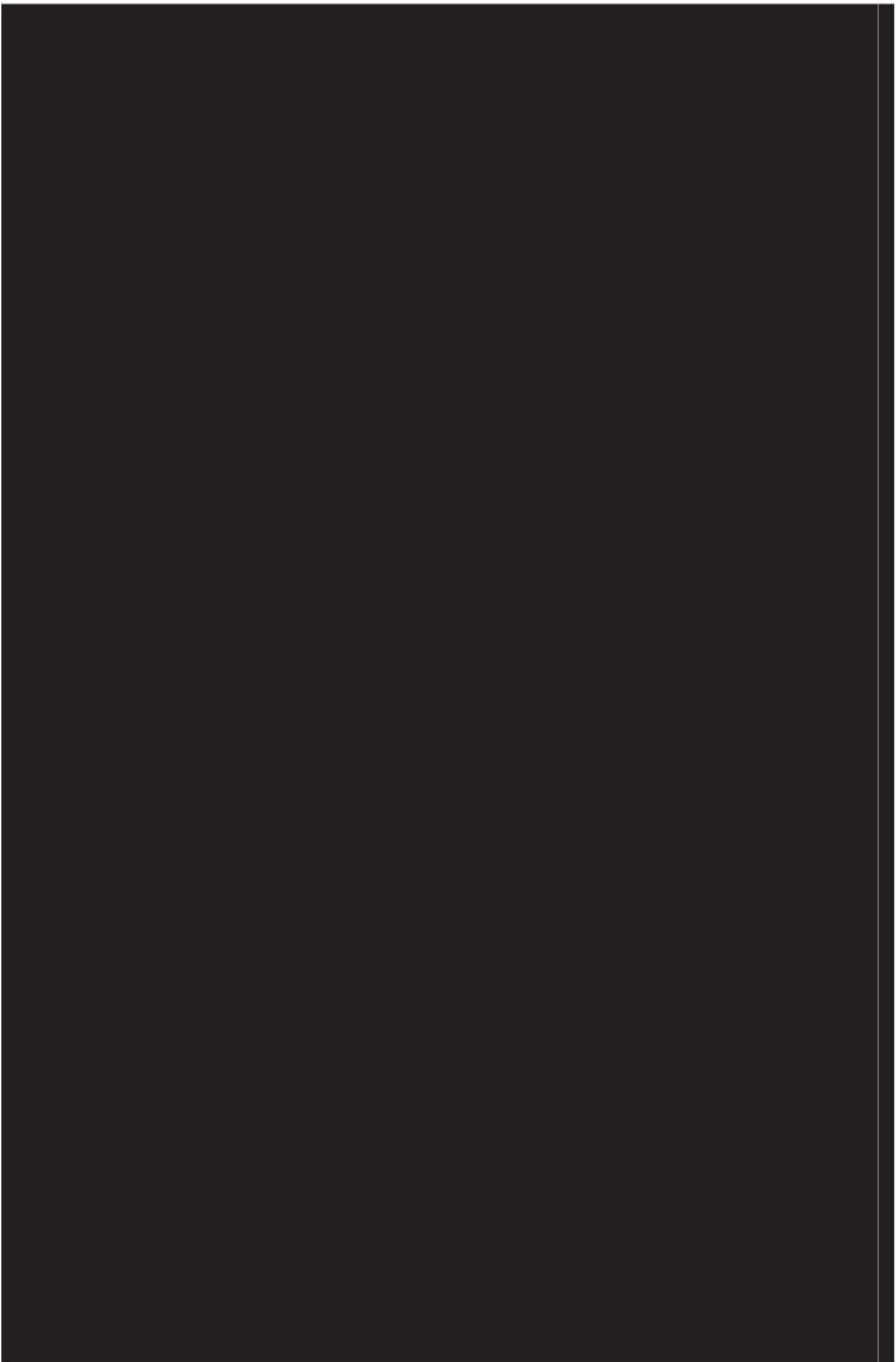
Wagner
Carpêik

Adolescência



memorial poético
2007 - 2010

EDITORA
ESPREITA

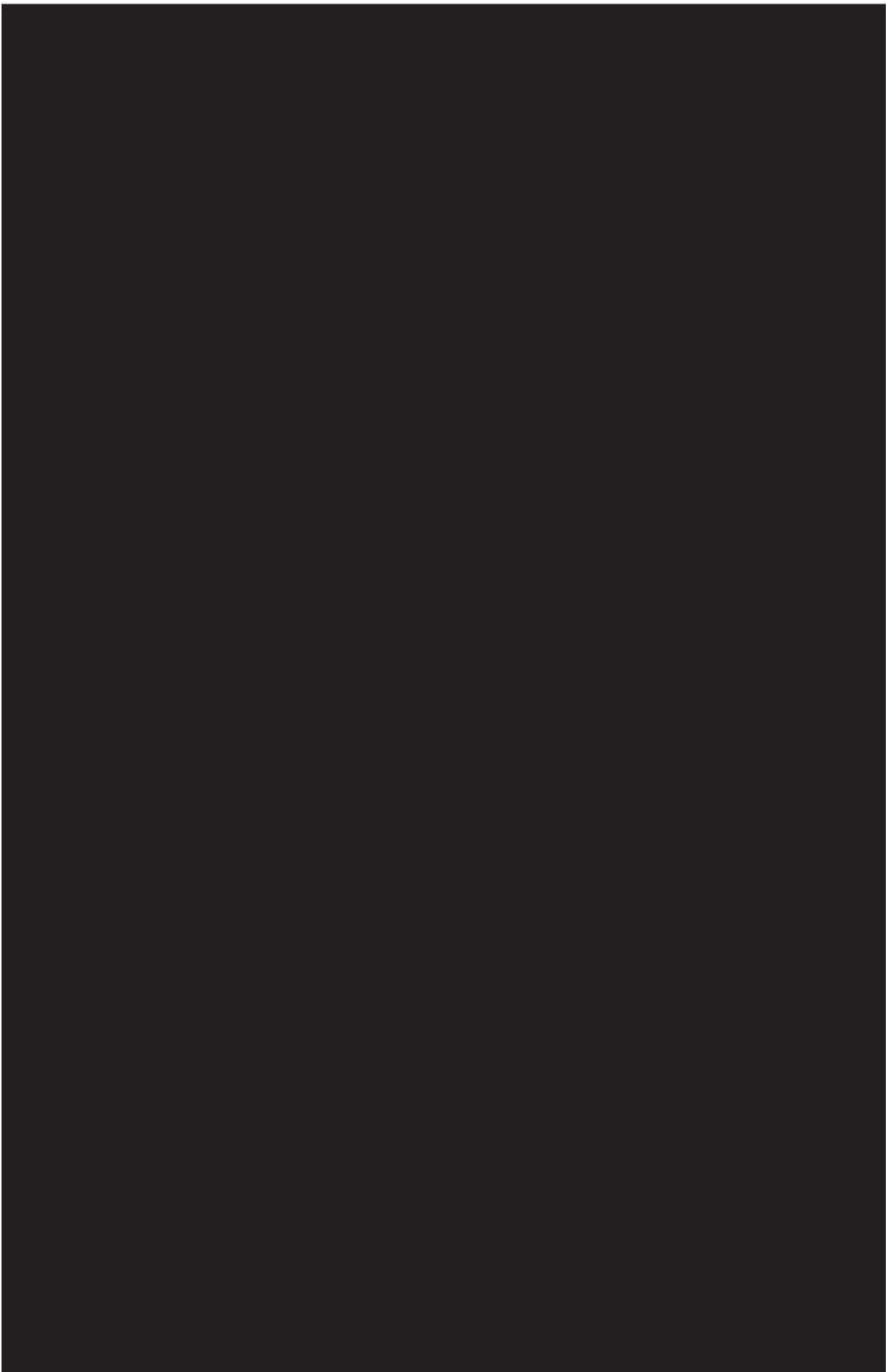


*“Oisive jeunesse
À tout asservie
Par délicatesse
J’ai perdu ma vie.
Ah! Que le temps vienne
Où les coeurs s’éprennent!”*

Arthur Rimbaud



09	Sobre a terceira edição	
11	Apresentação	2007
17	Apologia dos Prazeres Carnais	2008
18	Sete Anos de Razão e Piedade	
20	Visão de Poder	
22	Avatar	
23	Vou-me Embora pra Terra do Nunca!	2009
25	Agonia do Tempo	
26	Canção das Folhas	
27	O Retorno do Pirata	2010
29	América Ladina	
30	Exílio Infiníntimo	
35	Sobre o autor	



Sobre a terceira edição

Francisco Huachalla

A primeira edição de “Adolescêndio”, impressa e lançada em Natal [Rio Grande do Norte], como também transmitida digitalmente, veio ao mundo em 2018, pelo selo Retrospekta. O texto da segunda edição [concebida pela editora Eriom, em formato exclusivamente digital] foi modificado pelo autor. As poucas alterações se limitaram quase inteiramente aos sinais de pontuação.

A revisão desta terceira edição – exclusivamente impressa – por muito pouco não preserva em absoluto o texto da segunda.

Para ler bem a obra, vale a pena considerar a advertência estilística que Wagner Uarpêik tem feito aos leitores: “Minhas pausas, ritmos, neologismos, intensidades, melodias e regras podem ser pressetidas; mas o guia publicado em meu site ajuda. O réu se declara popularmente, musicalmente, oralmente, experimentalmente e

soberanamente inocente de inúmeras e deliberadas incompatibilidades – sobretudo pontuacionais – com os gramáticos brasileiros.”

Apresentação

Nivaldete Ferreira*

Neste breve e intenso memorial poético (2007 a 2010), o poeta evoca passagens de sua entrada no fogo do mundo. E ao mundo ele vai – não como turista (turistas compram passeios e sorriem), mas para ter experiências vivas; para saber de si e do(s) outro(s); para “Sentir infinitamente a própria presença” e mesmo a solidão coletiva. A epígrafe – versos de “Canção da Mais Alta Torre” – mostra que ele viu/seguiu “As marcas de Rimbaud na areia”, como diz o poema “Exílio Infiníntimo”. Então não se espere uma poesia acamurçada ou, menos ainda, gessada no agradável ao gosto acomodado. Corpo, sensações, um certo desregramento (como no poeta francês). Há um morder aquilo por que se sentiu mordido (ou ameaçado), à maneira nietzschiana: “A guilhotina acadêmica não terá minha cabeça!”. Há um corpo querendo queimar-se de (outro) corpo: “Ah vastidão do desejo! / Que ninguém me sirva de nada / Além

de lenha!”. Há um saber-se sentenciado pela “UTI do real”, cujos remédios e procedimentos recusa: “Síndrome da imunodeficiência moral / Alergia a riqueza / Anarquistite absgaga / & plebeização crônica”.

Como Rimbaud, o poeta de Adolescêndio abjura as felicidades recortadas e mandadas colorir pela organização político-social – que quer moldar os indivíduos e não costuma perdoar os desobedientes. Uarpêik, como homem e como poeta, parteja-se a si mesmo fora da Matrix, aí onde se instala também uma cultura de recepção da poesia que talvez prefira a poesia alcalina, aquela que não chega a perturbar; que agrada à primeira leitura e busca expressões belamente surpreendentes mas sem espírito, no sentido em que fala o autor de Assim Falava Zaratustra: “Escreve com sangue e verás que sangue é espírito”.

Uma Estação no Inferno e Adolescêndio:

Rimbaud: “Depressa! Existem outras vidas?”.

Uarpêik: “Existirá Vida depois dos trinta?”.

Rimbaud: “Tenho horror a todos os ofícios”. Uarpêik:

“Ah como amaldiçoo o trabalho!”. Rimbaud: “A cada um sua razão”. Uarpêik: “Cada um é escravo ou senhor do que pode!”. E as perguntas. Rimbaud: “Conheço ao menos a natureza? Conheço-me?”. Uarpêik: “Teu corpo é teu!? Tua língua te fala!?”...

Há nos dois um ir-se. Rimbaud: “Minha jornada findou-se. Deixo a Europa”. Uarpêik: “À procura de uma montanha digna de hospedar a morte, é verdade que parto”. Destino: “América Ladina”. Há em Adolescêndio uma imaginação também “desregrada”, livre. “& ontem gargalhei tão alto / Que a morte se afastou, assustada!”.

E alguma sageza, quando o poeta, homem/jovem, aparece com rugas e sandálias antigas, as de um Mestre. “É preciso retirar-se da casca do mundo para criá-lo desde dentro, da polpa!”.

Uarpêik não segue, porém, apenas os rastros do poeta francês, aquele que escreveu quando quase menino. Também olha pela “janela do quarto de Pessoa”. E – olha, Bandeira! – declara: “‘Vou-me embora pra’ Terra do Nunca! / ‘Lá sou amigo’ de Peter Pan”.

Vontade de não crescer... Mas, querendo ou não, cresce o poeta: nas companhias que elege; na linguagem, no ritmo, nas imagens. Cresce como coraçagem (coração e coragem, palavras que têm a mesma raiz), termo que – ousadia minha – invento para que possa fazer possível companhia a “Adolescêndio”). Cresce para nosso conforto. E desconforto, se nos incomoda, por exemplo, a sua afirmação de que “estamos todos sós / & não há testemunhas / Apenas cúmplices”.

Espero ter sido tão cúmplice quanto testemunha.

* Professora aposentada do Departamento de Artes da UFRN. Autora de livros de poemas, ficção e teatro.





AMÉRICA LADINA

Acumulei sensações tão amoralmente quanto
uma esponja

Vivi reencarnações imediatas
& conduzi uma caravana imaginária de curiosos
Rumo ao desconhecido
& ao fogo

Portos para meu sono de luz
Bossas-novas para Beethoven
Bombas de fumaça, piadas iniciáticas
e garrafas ao mar
Eram os truques mais solitários

Ah minha saga!
Em ilhas onde nunca encontrei ninguém
Eu me adiaava

EXÍLIO INFINÍTIMO

Um carro atravessando a rodovia solitária de
um deserto

Ou longas plantações de milho
A madrugada em que a humanidade desapareceu
& você ficou

O bar velho oeste abandonado
A torre perdida
O sertão profundo

A pequena vila cercada de nada
O estranho alívio de estar vivo
Um enigma insondável
Pairando no fim da tarde

Magos, alquimistas, refugiados
Ermitões estudiosos
Anciões estranhos
O velho índio

O dono de mercearia pacato, caipira e de poucas
palavras

Sem propaganda ou placa para atrair clientes
Fisgados por tramas de magia, terror e mistério

Todas as ilhas, montanhas, florestas e sonhos
Cruzados pelos Sozinhos

A janela do quarto de Pessoa
As marcas de Rimbaud na areia
Os mares só vistos por piratas
Os clubes secretos da Patagônia

A biblioteca de “História sem Fim”
O elegante abismo de Lanegan
As chuvas tristes de Natal
A lenta e dolorosa liberação da Matrix
A certeza de amor em “Vanilla Sky”

A solidão acompanhada das multidões anônimas
Deambulando por cidades fantasmas
Falhas, rachaduras, tudo está cheio e esborrotando
& você jamais despertou daquele sonho
Tudo parece inteiro e ausente
Quando não se sabe ao certo se experimentamos
o mundo

Ou o mundo nos experimenta
Pois estamos todos sós
& não há testemunhas

Apenas cúmplices